

Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá

Vowel diphthongization before /S/ in portuguese spoken in Amapá

Romario Duarte Sanches¹

Universidade Federal do Amapá

Andreina Nunes Pereira²

Universidade Federal do Amapá

RESUMO: Conhecer e compreender os fenômenos fonético-fonológicos de uma língua natural é essencial para formação do estudante de Letras e futuros professores de Língua Portuguesa, pois, esse conhecimento pode auxiliar na compreensão das identidades linguísticas presentes em diferentes espaços geográficos. Este trabalho objetiva fazer uma análise geossociolinguística do processo de ditongação de vogais diante de /S/ no português falado por nativos amapaenses. A pesquisa foi feita tendo como suporte teórico-metodológico a geossociolinguística (RAZKY, 2010) e a geolinguística moderna (CARDOSO, 2010), além de estudos recentes sobre o fenômeno fonético de ditongação (SILVA, 2014; 2018), (ROCHA; SILVA; NEVES, 2015) (MOTA; SILVA, 2012). A metodologia do trabalho está diretamente relacionada ao do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Para tanto, utilizou-se a carta fonética F11 do ALAP que mostra a variação diatópica do processo de ditongação de vogais seguidas de /S/ no português falado no Amapá. Os itens fonéticos analisados foram: *arroz, três, dez, giz, costa, caspa, voz e paz*. O estudo conta com uma amostra de 40 informantes distribuídos em 10 localidades do Amapá. Como resultado, evidenciou-se a frequência de 83% da presença do fenômeno de ditongação de vogais diante do fonema /S/ como em *arroz > arroiz, três > trêis, dez > deiz, giz > giiz* etc., em detrimento da ausência que ocorreu com 17% de frequência.

Palavras-chave: Geossociolinguística. Variação fonética. Ditongação. ALAP.

ABSTRACT: Knowing and understanding the phonetic-phonological phenomena of a natural language is essential for the education of the student of letters and future teachers of portuguese language, as this knowledge can help in understanding the linguistic identities present in different geographical spaces. This work aims to make a geosociolinguistic analysis of the process of vowel diphthongization before /S/ in portuguese spoken by native of the Amapá. The research was carried out with the theoretical and methodological support geosociolinguistics (RAZKY, 2010) and modern geolinguistics (CARDOSO, 2010), as well as recent studies on the phonetic phenomenon of diphthongization (SILVA, 2014; 2018), (ROCHA; SILVA; NEVES, 2015) (MOTA; SILVA, 2012). The work methodology is directly related to the Amapá Linguistic Atlas - ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). For this, we used the phonetic letter F11, which is in the ALAP, which exposes the diatopic variation of the vowel diphthongization process followed by /S/ in portuguese spoken in Amapá. The phonetic items analyzed were: *arroz, três, dez, giz, costa, caspa, voz e paz*. The study has a sample of 40 informants distributed in 10 localities of Amapá. As a result, there was a frequency of 83% of the presence of the vowel diphthongization phenomenon before the phoneme /S/ as in *arroz >*

¹ E-mail: duarte.romrio@gmail.com.

² E-mail: andreinapereira456@gmail.com.

arroiz, três > trêis, dez > deiz, giz > giiz, etc., to the detriment of the absence which occurred at 17% frequency.

Keywords: Geosociolinguistics. Phonetic variation. Diphthongation. ALAP.

Submetido em 01/12/2019.

Aprovado em 12/03/2020.

Introdução

A ditongação de vogais diante de /S/ é um fenômeno da língua falada e, como veremos mais adiante, é muito frequente no português brasileiro, como apontam alguns estudos, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que analisam e mapeiam o referido fenômeno. O processo de ditongação consiste em um acréscimo de uma semivogal [j, i, ^j], como nas palavras *arroz* < *ahoiʃ*, *três* < *treʃsʃ*, *costa* < *kɔʃtɐ*.

No Amapá, este fenômeno ainda não foi estudado. Entretanto, já podemos usufruir do Atlas Linguística do Amapá (ALAP), que ilustra a variação fonética e lexical do português falado no estado. No que concerne aos dados fonéticos, os mapas apresentam apenas dados sobre a variação diatópica. Deste modo, é necessário um exame aprofundado dos dados para que seja verificado se as variáveis sociais idade e sexo têm influenciado na realização do processo de ditongação.

Tendo em vista essa problemática, este trabalho busca, por meio da geolinguística e da geossociolinguística, analisar o fenômeno fonético que consiste na ditongação de vogais diante do fonema /S/ no português brasileiro falado por amapaenses.

Para tanto, foram analisados os dados fonéticos da carta F11 contida no ALAP, que se configura como um dos trabalhos importantes para os estudos linguísticos no Amapá, visto que ainda não há muitas pesquisas realizadas sobre as línguas faladas nesse espaço geográfico do Brasil e, neste caso particular, sobre o português ali falado. O ALAP fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista. O livro foi lançado em 2017 pelos professores A. Razky, C. Ribeiro e R. Sanches, no Workshop do ALAP. As partes que compõem o atlas são: 1) Estado do Amapá; 2) Os municípios de pesquisa; 3) Metodologia; 4) Cartas introdutórias; 5) Cartas Lexicais e 6) Cartas estratificadas.

Com base nos estudos e nas pesquisas, até então publicados, o fenômeno da ditongação é uma das características marcantes do português brasileiro (PB) e está presente em diferentes localidades do país. Esta pesquisa buscará responder se o português falado no Amapá também segue a tendência nacional e se as variáveis sociais decorrentes do perfil do informante, como idade e sexo, interferem na realização do fenômeno.

O artigo encontra-se organizado em seis seções: introdução, geolinguística e geossociolinguística, ditongação de vogais diante de /S/ no Brasil, procedimentos metodológicos, ditongação de vogais diante de /S/ no Amapá e, por fim, as considerações finais.

1 Geolinguística e Geossociolinguística

Para Cardoso (2010, p. 46), a geolinguística é entendida como “o método por excelência da dialetologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”.

Em consonância com o conceito apresentado acima, Coseriu (1982) afirma que a geolinguística é capaz de registrar os usos linguísticos num determinado espaço geográfico:

A Geolinguística pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1982, p. 79).

Em 1960, a geolinguística no Brasil teve seu marco inicial na Universidade Federal da Bahia, com Nelson Rossi. Desde então tem crescido em nosso país com inúmeras pesquisas realizadas em diferentes Universidades. Para Romano (2013), a geolinguística pode ser trabalhada como uma disciplina e não somente como um método da dialetologia. Ele também defende a ideia de uma geolinguística que pode ser compreendida em dois momentos.

O primeiro momento foi marcado em 1963, com a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI *et al.*, 1963) e o segundo momento em 1996, com

o início do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, o qual segue até hoje. O que marca essa divisão, segundo Romano (2013), são os aspectos metodológicos dos atlas publicados antes e depois do Projeto ALiB.

De 1963 até 1996 os atlas tinham como características metodológicas serem monodimensionais ou bidimensionais, isto é, enfatizavam a variação geográfica e uma variável social, podendo esta ser a faixa etária ou sexo dos informantes. A partir de 1996 os atlas passam a incorporar em suas metodologias o aspecto pluridimensional incorporado aos pressupostos do ALiB. Assim, os projetos de atlas passaram a controlar, para além do espaço geográfico, a faixa etária, o sexo, a escolaridade, a profissão etc.

Seguindo essa perspectiva de pluridimensionalidade dos dados, Guedes (2012, p. 25-26) afirma que a geolinguística não mais se restringe em analisar a variação diatópica e tem ampliado seu campo de estudo a partir da sociolinguística Laboviana, contemplando as dimensões diageracionais, diastráticas, diagenéricas, diarreligiosa, entre outras. Para ele, esta interface da geolinguística com a sociolinguística fez emergir a geossociolinguística.

Esta expressão foi usada por Socorro Cardoso e Abdelhak Razky em 1997 para dar título ao Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). Segundo Sanches (2019, p. 20), essa abordagem não se configura como uma nova vertente da linguística, mas sim a junção entre a Geolinguística e a Sociolinguística, objetivando fazer um mapeamento das comunidades de fala, expondo suas variações e levando em consideração elementos sociais como: escolaridade, idade, sexo, entre outras variáveis ou dimensões.

No Amapá, a aplicação do método geolinguístico ou geossociolinguístico é recente e tem dado seus passos iniciais, razão por que os estudos até então publicados levam o título de pioneiros. O trabalho *Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena* de Sanches e Ribeiro (2018) traz um apanhado geral das pesquisas geolinguísticas já publicadas, ressaltando a importância do ALAP e do acervo de dados que este disponibiliza para quem interessar. Com isso, acredita-se que a pesquisa linguística no Amapá está crescendo devido à sua relevância e à criação de grupos de pesquisas que têm incentivado a formação de *corpora* e análise de dados orais do português falado no Amapá.

O primeiro estudo realizado com base na geolinguística foi a dissertação de Mestrado de Celeste Ribeiro em 2008, na Universidade do Estado do Pará, com o objetivo de analisar a variável (r) posvocálico em posição de coda medial do português falado em cidades dos estados do Amapá e Pará. O segundo foi o trabalho de M. Eneida Fernandes em 2009, defendida na Universidade Federal do Pará, com o objetivo de mostrar a distribuição geossociolinguística do fonema lateral palatal /ʎ/ na fala urbana de algumas localidades do Pará e do Amapá.

Com o Projeto do Atlas Linguístico do Amapá surgiram algumas pesquisas abordando exclusivamente as localidades do Amapá, como é o caso de Sanches e Ribeiro (2013), que elaboraram um estudo preliminar para o item lexical *libélula* no estado do Amapá. Em seguida Sanches e Silva publicaram, em 2014, um trabalho que tratava da variação semântico-lexical no Amapá. O terceiro trabalho foi o de Sanches e Razky (2015) com o objetivo de descrever e mapear a variação lexical para os itens *cigarro de palha* e *toco de cigarro*. Nesse mesmo ano eles publicaram outro estudo sobre o item lexical *prostituta*, também falado pelos amapaenses. Em 2015 foi defendida a Dissertação de Mestrado intitulada *Variação lexical nos dados do projeto Atlas Linguístico do Amapá*, de R. Sanches. Outro trabalho publicado com base em dados geolinguísticos do Amapá foi o trabalho que anunciou a publicação do ALAP, em 2016, com o nome de *O Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): trajetória e primeiros resultados*.

Em 2017, tem-se a defesa da Dissertação de Mestrado, *Mapeamento lexical do Português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística*, de M. Rodrigues. Este trabalho foi inovador, pois, a autora aplicou o método geolinguístico em área indígena. Ainda em 2017, tivemos o lançamento do Atlas Linguístico do Amapá.

E de modo recente, a Tese de Doutorado de R. Sanches, defendida em fevereiro de 2020, na UFPA, intitulada *Microatlas Linguístico (Português-Kheuól) da Área Indígena dos Karipuna do Amapá*.

2. Ditongação de vogais diante de /s/ no Brasil

Nesta seção serão feitas as considerações acerca do referido objeto de estudo, observando qual a tendência da ditongação de vogais diante de /S/ no português brasileiro, tendo como base alguns trabalhos geolinguísticos e sociolinguísticos publicados sobre o fenômeno.

Conforme Noll (2008), a formação de ditongação em sílabas fechadas pelo fonema /S/ é um fenômeno frequente no português falado no Brasil e acrescenta ainda que este processo pode ser considerado uma inovação no português brasileiro (PB), pois não há correspondência em outras variedades do português, como em Portugal.

Por ser uma especificidade do PB, esse fenômeno precisa ser estudado para que possa ser compreendido e sistematizado. Quanto à realização do fenômeno não há muitos estudos que apontem a causa de sua ocorrência, no entanto há algumas considerações acerca do fenômeno.

Mota e Silva (2012) informam que o fato de o fenômeno não ter sido suficientemente documentado, descrito e analisado, dificulta a delimitação de áreas dialetais. Os poucos estudos publicados são relativos a espaços geográficos e contextos linguísticos restritos, considerando-se vocábulos oxítonos ou monossílabos tônicos.

De acordo com Rocha, Silva e Neves (2015, p. 02, *apud* SILVA, 2003):

[...] ditongo é uma sequência de segmentos, uma vogal e uma semivogal ou glide, pode ser descrito e identificado com referência ao segmento inicial e final do contínuo, por exemplo, no ditongo [ai] da palavra “pais”, ocorre um movimento contínuo e gradual da língua de [a] até [i]. As vogais altas anteriores e posteriores [i, u] podem ocupar o núcleo ou a margem da sílaba. Quando ocupam a margem constituem os ditongos que são classificados como crescentes (semivogal + vogal), e ditongos decrescentes (vogal + semivogal).

O fenômeno da ditongação na oralidade, segundo (ROCHA; SILVA; NEVES, 2015), pode ser explicado pela tonicidade das vogais, sendo mais comum em monossílabos fechados pelo arquifonema /S/ [s, z, ʃ, ʒ], bem como a palatalização da alveolar [s]. Na ditongação ocorre uma necessidade de assimilar a existência de outra vogal no processo articulatório, como em pa(i)s, nó(i)s, de(i)z, trê(i)s etc.

Silva (2018) fala em relação às vogais mais suscetíveis à ditongação, isto é, as que têm comportamento neutro e as que são menos suscetíveis.

As análises, feitas em tempo real, revelam que, nas décadas de 1970 e 1990, os maiores percentuais de ditongação são atribuídos às vogais [ɛ], [e] e [ɔ]. A vogal [a] apresenta comportamento neutro, enquanto [i] retrai o fenômeno. Quanto à articulação consonantal, o glide manifestar-se-ia diante de qualquer uma das

realizações, nos dois tempos. Há frequências de ditongação mais altas para a consoante palatal, que é a norma da localidade em estudo (SILVA, 2018, p. 95).

Sendo assim, verifica-se que algumas vogais podem influenciar no processo de ditongação acentuando este traço na fala dos indivíduos.

No Brasil, o estudo de Silva (2014) tem como objetivo observar o processo de ditongação diante de /S/ em coda silábica, utilizando os dados coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, fazendo uma análise de dados fonéticos referentes a 200 informantes de 25 capitais brasileiras. A autora destaca que o processo da ditongação está relacionado à variação do /S/ em coda silábica, porém ao levar em consideração apenas monossílabos tônicos e oxítonas não é possível ser feita uma avaliação mais relevante dessa relação. Os dados analisados por Silva (2014) estão expostos na Tabela 01.

Tabela 01 – A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras – dados do projeto ALiB: distribuição diatópica.

CAPITAL	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Salvador	120/292	41	0,90
Maceió	175/421	42	0,84
Recife	105/384	27	0,81
Rio de Janeiro	54/278	19	0,78
Teresina	71/188	38	0,77
Natal	88/276	32	0,77
Fortaleza	61/205	30	0,76
São Luís	102/341	30	0,71
Aracaju	76/290	26	0,70
João Pessoa	53/212	25	0,70
Manaus	148/578	26	0,69
Boa Vista	124/440	28	0,62
Porto Velho	102/403	25	0,59
Rio Branco	67/291	23	0,56
Macapá	85/588	14	0,44
Belém	27/283	9	0,40
Cuiabá	59/371	16	0,34
Goiânia	75/441	17	0,33
Vitoria	45/301	15	0,30
Campo Grande	48/300	16	0,28
São Paulo	44/331	13	0,22
Belo Horizonte	53/453	12	0,20
Florianópolis	41/488	8	0,19
Cuiabá	30/399	7	0,13
Porto Alegre	20/341	6	0,08

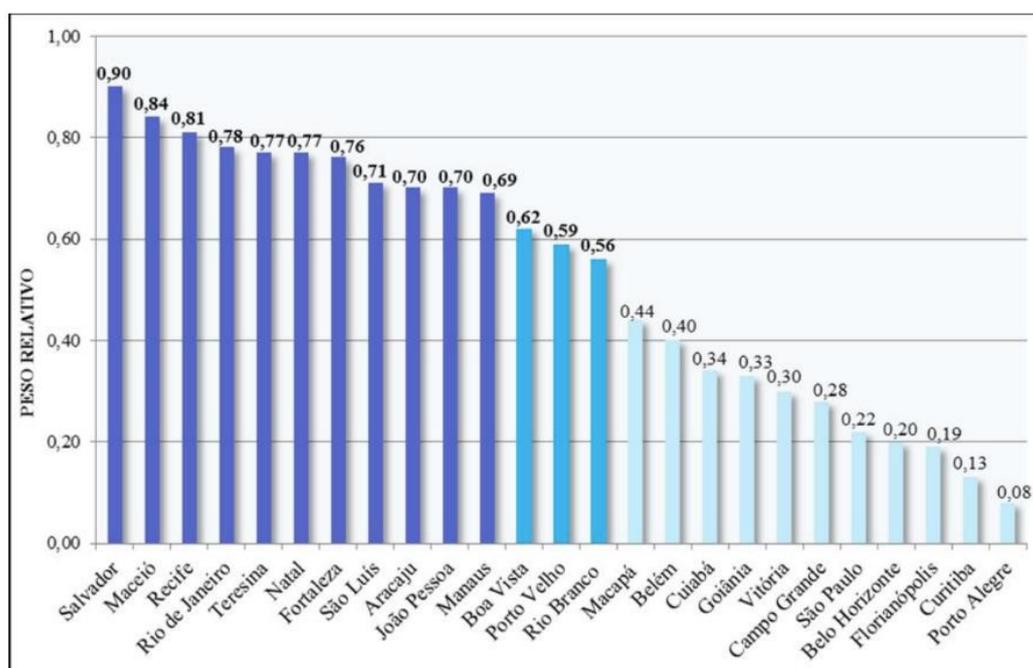
Input: 0,067; Significância: 0,030

Fonte: Silva (2014, p. 8).

Silva (2014, p. 8-9) separa as capitais em três categorias referentes à ditongação: i) capitais com pesos relativo elevado, ii) capitais com pesos relativo intermediário e iii) capitais com pesos relativos baixos. As capitais analisadas foram: Salvador, Maceió, Recife, Rio de Janeiro, Teresina, Natal, Fortaleza, São Luís, Aracaju, João Pessoa, Manaus, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Macapá, Belém, Cuiabá, Goiânia, Vitória, Campo Grande, São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis, Curitiba, Porto Alegre.

Entre as capitais com peso relativo (P.r.) elevado estão: Salvador, Maceió, Recife, Rio de Janeiro, Teresina, Natal, Fortaleza, São Luís, Aracaju, João Pessoa e Manaus, com P.r. de 0,90 a 0,69. Já as capitais com peso relativo (P.r.) intermediário estão: Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco, com P.r. de 0,62 a 0,56. E as capitais com peso relativo (P.r.) baixo incluem: Macapá, Belém, Cuiabá, Goiânia, Vitória, Campo Grande, São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, com P.r. de 0,44 a 0,08. Esses resultados estão ilustrados na figura 01.

Figura 01 - A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras – dados do projeto ALiB: distribuição diatópica (peso relativo).



Fonte: Silva (2014, p. 9).

Percebe-se, portanto, que as capitais da Região do Nordeste do Brasil são as mais favoráveis ao processo de ditongação, como a capital de Salvador com P.r de 0,90 de frequência, seguidos de Maceió (0,84) e Recife (0,81). Esta mesma tendência para o fenômeno pode ser observada, com menor frequência, no Rio de Janeiro (0,78) e Manaus (0,69).

No Norte do país tem-se o P.r. baixo, como é o caso de Belém (0,40) e Macapá (0,44), e todas as capitais do Centro-Oeste. No sudeste, destacam-se, com P.r. baixo, as capitais: Vitória (0,30), Belo Horizonte (0,28) e São Paulo (0,22). A frequência mais baixa concentra-se no Sul do país, em todas as capitais.

Silva (2014) também busca analisar, como mostra a tabela 02, a relação do processo de ditongação e a presença do fonema /S/ em coda silábica.

Tabela 02 – A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras – dados do projeto ALiB: distribuição segundo a realização fonética da consoante em coda silábica

REALIZAÇÃO DA CONSOANTE EM COSA SILÁBICA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Consoantes fricativas alveolares [s,z] ([xa' pajs], [mejzmo])	1285/5.925	22	0,61
Consoantes fricativas palato alveolares [ʃ, ʒ] ([xa' pajʃ], [mejʒmo])	174/2.224	8	0,22

Input 0,067; Significância: 0,030

Fonte: Silva (2014, p. 10).

É possível observar acima que as consoantes fricativas alveolares [s, z] tendem à ditongação. Para Silva (2014), essa realização está diretamente relacionada com o processo de ditongação diante de /S/ nas capitais do Brasil, demonstrando que em 22% dos casos em que foram realizadas as fricativas alveolares ocorreu também o fenômeno da ditongação.

Outro estudo é o de Mota e Silva (2012) que analisa a ditongação de vogais diante de /S/ nas capitais da região Sul e Sudeste do Brasil, levando em consideração as variáveis sociais (vertical) e espaciais (horizontal).

Tabela 03 – A ditongação diante de /S/ segundo a variável diatópica.

Localidades	Aplic./Total	%	(P.r.)
Belo Horizonte	321/1507	21	0,66

Vitória	166/1003	16	0,61
Rio de Janeiro	165/1015	16	0,80
São Paulo	230/1445	15	0,53
Curitiba	127/1666	7	0,34
Florianópolis	221/2508	8	0,52
Porto Alegre	85/1785	4	0,23

Significância: 0,005

Fonte: Mota; Silva (2012, p. 126).

Na tabela 03, percebe-se que o Rio de Janeiro tem a maior probabilidade de vogais ditongadas diante de /S/ (0,80), posteriormente Belo Horizonte aparece com 0,66 (P.r.) e Vitória com 0,61 (P.r.). A menor probabilidade foi em Porto Alegre (0,23).

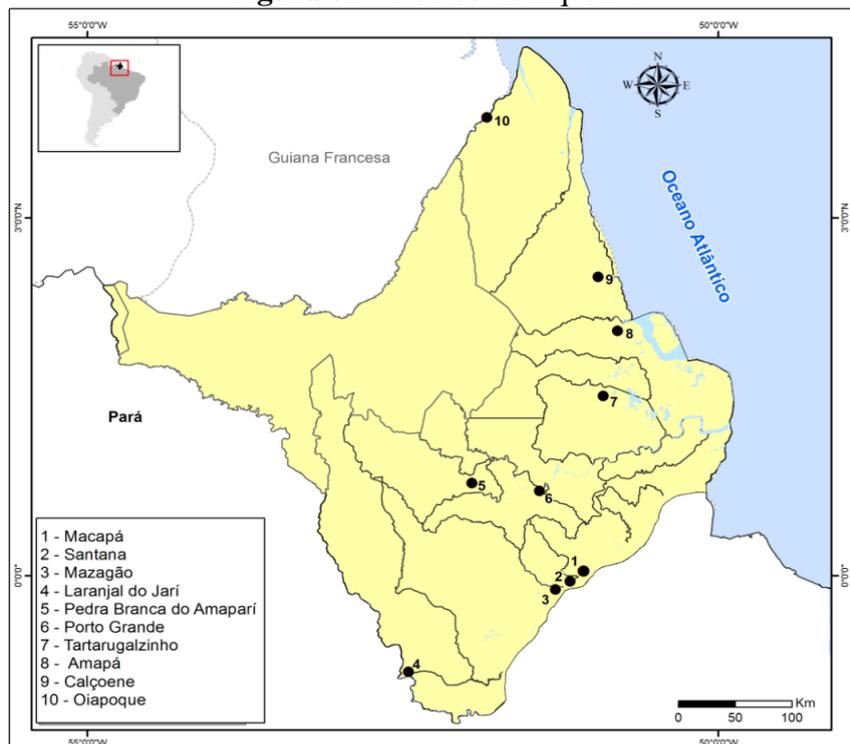
Diante dos dados diatópicos, as autoras concluem que a ditongação de vogais fechadas por /S/, quando comparado os dados entre a região Sul e Sudeste, fica evidente que há maior probabilidade do fenômeno ocorrer no Sudeste do Brasil. Vale ressaltar, que não é possível afirmar de modo categórico que o fenômeno da ditongação seja característico da região, haja vista que ainda há dados de fala referentes às localidades do interior do Brasil, que ainda não foram analisadas de forma quantitativa.

3 Metodologia da pesquisa

Para análise do fenômeno em questão, foi selecionada a carta fonética F11 do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). Esta carta expõe a variação diatópica do processo de ditongação de vogais seguidas de /S/ no português falado no Amapá. Os itens fonéticos analisados foram: *arroz, três, dez, giz, costa, caspa, voz e paz*.

A metodologia do trabalho está diretamente relacionada ao ALAP que conta com uma rede de pontos composta por 10 localidades do Amapá, considerando a densidade demográfica e populacional, além de critérios históricos (tempo de origem), econômicos e socioculturais.

Entre os municípios amapaenses estão: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque, como ilustra a figura 02.

Figura 02 – Pontos de inquérito

Fonte: Razky; Ribeiro; Sanches (2017, p. 53) (adaptado pelos autores).

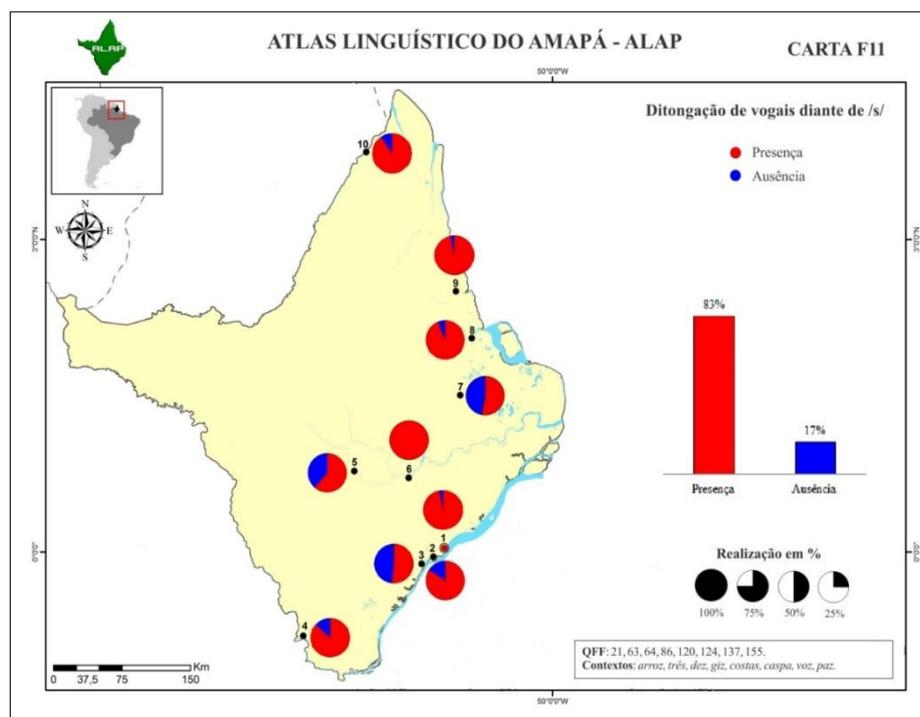
O estudo conta com uma amostra de 40 informantes distribuídos nas 10 localidades supracitadas. Foram entrevistados quatro informantes por localidade, os quais foram balanceados levando em consideração sexo e idade dos informantes, bem como: um homem e uma mulher de 18 a 30 anos e um homem e uma mulher de 50 a 75 anos. Também foram consideradas características como: ter nascido no município; ser filho de pais nascidos na região; não ter morado em outro Estado ou Região por mais de um ano; ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao Ensino Fundamental completo; possuir boas condições de saúde e de fonação; e ter disponibilidade para a entrevista.

Para a análise dos dados foi utilizado o *Software* de criação de planilhas e gráficos *Excel*. Este foi utilizado para a contagem das ocorrências identificando a presença e a ausência do referido fenômeno, também foi utilizado para a criação de gráficos que ilustrassem as variáveis sociais: idade e sexo, além da variação diatópica.

4 Ditongação de vogais diante de /s/ no Amapá

Nesta seção, apresenta-se a variação diatópica, diageracional e diagenérica do fenômeno de ditongação de vogais diante do fonema /S/ falado por amapaenses. Inicialmente, expõe-se a carta F11 do ALAP que mostra a variação diatópica do fenômeno estudado. Ressalta-se que a referida carta não traz informações sobre a variação diageracional e diagenérica, variáveis que serão apresentadas posteriormente.

Figura 03 - Carta fonética F11



Fonte: Razky; Ribeiro; Sanches (2017, p. 66), alterada pelos autores.

Conforme mostra a figura acima, a variação diatópica configura-se da seguinte maneira: a localidade 06 (Porto Grande) obteve 100% de presença do fenômeno, em seguida têm-se as localidades 01 (Macapá), 02 (Santana), 04 (Laranjal do Jarí), 08 (Amapá), 09 (Calçoene) e 10 (Oiapoque) com mais de 75% de realização do fenômeno.

Já nas localidades 03 (Mazagão), 05 (Pedra Branca do Amaparí) e 07 (Tartarugalzinho), a frequência diminui para quase 50% de realização do fenômeno. Contudo, o fenômeno ocorreu de forma significativa em toda a extensão do território amapaense, evidenciando uma pré-disposição para a ditongação de vogais diante de /S/, isto é, os informantes entrevistados tendem a falar *arro(i)z* em vez de *arroz*, *trê(i)s* em vez de *três*, *de(i)z* em vez de *dez*, e assim por diante. De modo geral, houve a realização

de 83% do fenômeno na fala de amapaenses; em contrapartida, a não realização apareceu com 17% de frequência. Esses resultados estão resumidos na tabela 04.

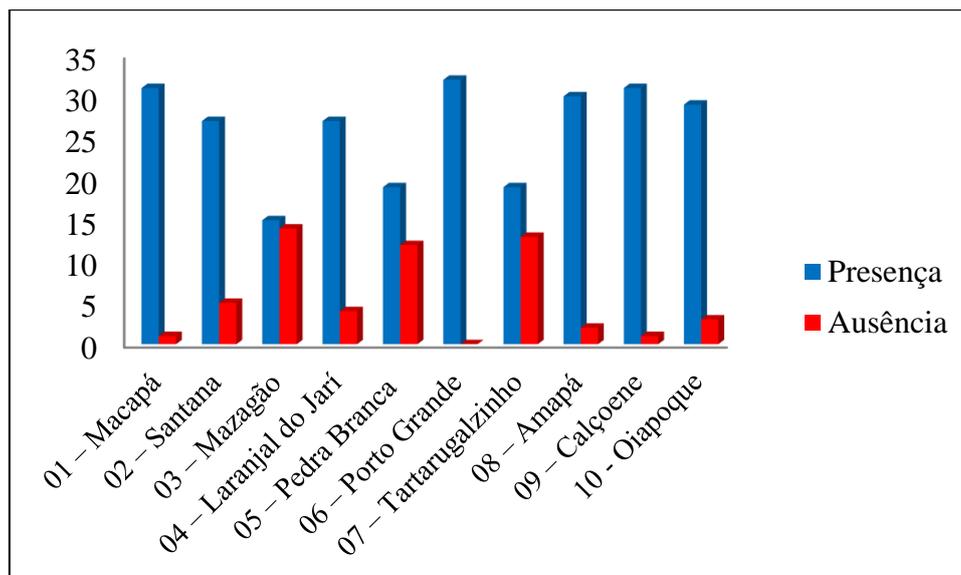
Tabela 04 – Ocorrências por localidade.

Localidades	Ditongação	Não ditongação
	%	%
01 – Macapá	97%	3%
02 – Santana	84%	16%
03 – Mazagão	52%	48%
04 – Laranjal do Jarí	87%	13%
05 – Pedra Branca do Amaparí	61%	39%
06 – Porto Grande	100%	-
07 – Tartarugalzinho	59%	41%
08 – Amapá	94%	6%
09 – Calçoene	97%	3%
10 – Oiapoque	91%	9%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 04 mostra a realização e não realização do processo de ditongação conforme a frequência dada por localidade. Assim, os pontos 01 (Macapá) e 09 (Calçoene) ocorreram com 97% de realização e 3% de não realização. O ponto 02 (Santana) obteve 84% de realização e 16% de não realização. O ponto 03 (Mazagão) ocorreu com 52% de realização e 48% de não realização. O ponto 04 (Laranjal do Jarí) ocorreu com 87% de realização e 13% de não realização. O ponto 05 (Pedra Branca do Amaparí) ocorreu com 61% de realização e 39% de não realização. O ponto 06 (Porto Grande) ocorreu com 100% de realização. O ponto 07 (Tartarugalzinho) ocorreu com 59% de realização e 41% de não realização. O ponto 08 (Amapá) ocorreu com 94% de realização e 6% de não realização. O ponto 10 (Oiapoque) ocorreu com 91% de realização e 9% de não realização. De forma sintetizada, os resultados estão apresentados no gráfico 1.

Gráfico 01 – Variação diatópica da ditongação diante de /S/ no Amapá

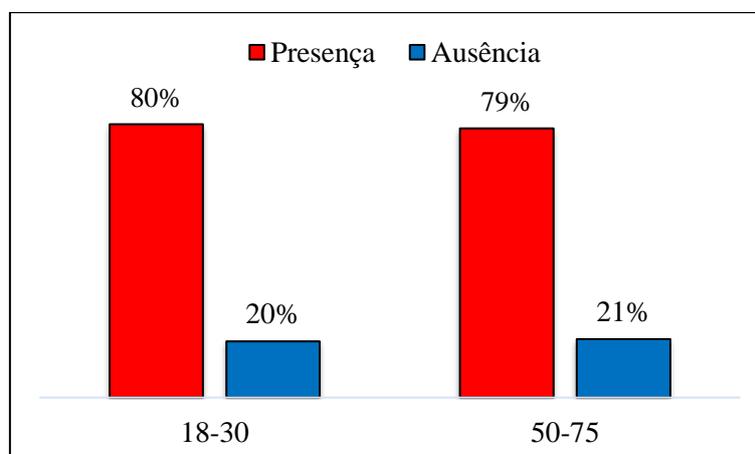


Fonte: Elaborado pelos autores.

Em todos os pontos de inquérito o fenômeno ocorreu de forma expressiva, destacando-se nos municípios de Porto Grande, com 100% de presença, Macapá e Calçoene, com 97% de presença. As localidades com menor realização do fenômeno foram Mazagão, com 52% de presença, e Tartarugalzinho, com 59% de presença.

Em relação à variável social, foram analisados o fator idade e sexo dos informantes para saber se há influência dessas variáveis no fenômeno de ditongação. O gráfico 02 ilustra a frequência da variação social conforme a idade do falante e acordo com a presença e ausência do referido fenômeno fonológico.

Gráfico 02 - Variação diageracional da ditongação diante de /S/ no Atlas Linguístico do Amapá

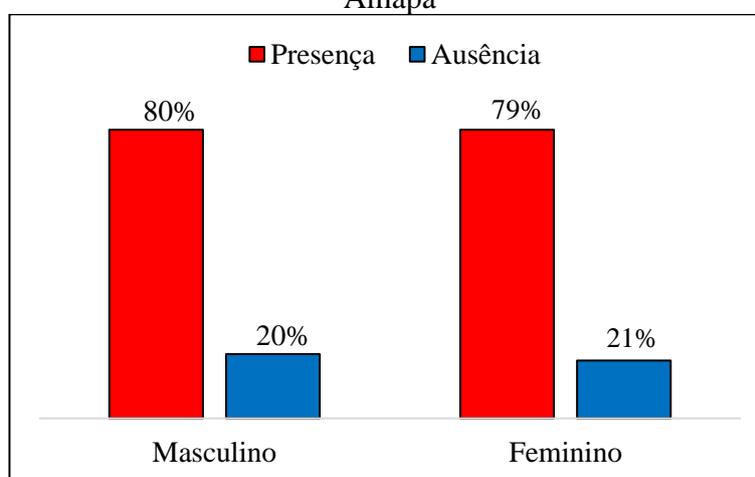


Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se no gráfico 02 que na faixa etária de 18 a 30 anos houve 80% de presença e 20% de ausência e na faixa etária de 50 a 75 anos houve 79% de presença e 21% de ausência. Em vista das porcentagens, conclui-se que a idade não representa um fator determinante, uma vez que a diferença foi de 1% entre as faixas etárias.

Para analisar a ditongação em contextos seguidos de /S/ na dimensão diasssexual, elaboramos o gráfico 03.

Gráfico 03 - Variação diagenérica da ditongação diante de /S/ no Atlas Linguístico do Amapá



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à variação diagenérica, nota-se que há 80% de presença e 20% de ausência na fala dos homens; e 79% de presença e 21% de ausência na fala das mulheres. Conclui-se então que a variável sexo também não tem relevância significativa na realização do fenômeno, pois, assim como a variável faixa etária, a variável sexo apresenta diferença de 1% nas ocorrências de ditongação em contextos diante de /S/ no português falado por homens e mulheres no Estado do Amapá.

Considerações finais

Os estudos sobre a ditongação têm mostrado que se trata de um fenômeno marcado no PB, a exemplo do que revela a pesquisa de Silva (2014) nas capitais brasileiras,

onde o fenômeno ocorre com maior frequência nas seguintes capitais: Salvador, Maceió, Recife, Rio de Janeiro, Teresina, Natal, Fortaleza, São Luís, Aracaju, João Pessoa e Manaus. Já as capitais onde a ocorrência é intermediária estão: Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco. E as capitais com baixo grau de ocorrência incluem: Macapá, Belém, Cuiabá, Goiânia, Vitória, Campo Grande, São Paulo e Belo Horizonte.

No entanto, comparando o estudo de Silva (2014) com os resultados desta pesquisa, constata-se que no Amapá, incluindo a capital Macapá, o fenômeno é considerado com alto grau de frequência, pois apresenta 83% de realização do processo de ditongação e apenas 17% de ausência.

De modo detalhado, houve maior presença de ditongação de vogais diante de /S/ na localidade 06 (Perto Grande), com 100% de frequência, seguida das localidades 01 (Macapá) e 09 (Calçoene) com 97% de presença, 08 (Amapá) com 94% de presença, 10 (Oiapoque) com 91% de presença, 04 (Laranjal do Jarí) com 87% de presença e 02 (Santana) com 84% de presença. Em menor grau de ocorrência, os resultados indicaram as localidades 03 (Mazagão), 05 (Pedra Branca do Amaparí) e 07 (Tartarugalzinho) com presença do fenômeno variando entre 50% a 60% de presença, o que, ainda assim, pode ser considerada uma porcentagem significativa, levando em consideração os dados analisados.

Sobre as variáveis faixa etária e sexo, os gráficos 02 e 03 mostram que não houve influência no processo de ditongação, pois homens e mulheres, de faixa etária 1 e faixa etária 2, apresentam frequências similares tanto para a presença como para a ausência do fenômeno, com apenas 1% de diferença para as duas variáveis.

Por fim, infere-se, com base na análise dos dados do ALAP, que na fala de amapaenses o fenômeno da ditongação de vogais diante de /S/ é presente com alto grau de frequência, seguindo a tendência do PB falado em outras regiões do Brasil, especialmente no Nordeste e Sudeste.

Referências

CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

CARDOSO, S.; RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará: o projeto piloto. *Asas da palavra*, UNAMA, n. 4, v. 7. dez., p. 97-100, 1997.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Tradução Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro; São Paulo: Presença; USP, 1982. p. 79-116.

GUEDES, R. *Estudo Geossociolingüístico da Variação Lexical da Zona Rural do Estado do Pará*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Para. Belém, 2012. p. 25-26.

MOTA, J; SILVA, A. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, S; MOTA, J; PAIM, M. (Org.) *Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador, Vento Leste: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2012. p. 117-135.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contraste*. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. *Alfa*, rev. Linguística. 2017. p. 3-5.

RIBEIRO, C. M. da R. *A variável (r) posvocálica medial nos estados do Amapá e Pará: Um estudo Geossociolingüístico*. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará, 2008.

ROCHA, M; SILVA, A; NEVES, F. Uma análise sobre a ditongação das vogais tônicas finais seguidas de /S/. *Revista Digital*. Buenos Aires. 2015. p. 2-3.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística*. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

ROMANO, V. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretexto*, Londrina, v.13, nº 02, p.203-242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANCHES, R. Gambá ou mucura? Como falam os amapaenses. In: RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M.; SALVADOR, C.; SANCHES, R. (Org.). *Variação e diversidade linguística*. 1 ed. Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2019, v. 1, p. 19-28.

SANCHES, R. *Variação Lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SANCHES, R.; RAZKY, A. Variação Linguística para Cigarro de Palha e Toco de Cigarro no Atlas Linguístico do Amapá. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online). , v.17, p.196 - 206, 2015.

SANCHES, R.; RAZKY, A. Variação lexical para o item 'prostituta' no Amapá. *Revista do GELNE* (UFC). , v.17, p.77 - 91, 2015.

SANCHES, R.; RIBEIRO, C. M. da R. Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá. *Web-Revista SOCIODIALETO*. , v.4, p.435-449, 2013.

SANCHES, R.; SILVA, M. do P. S. C. da. Variação semântico-lexical no Amapá. *Linguística* (Rio de Janeiro). , v.10, p.299 - 315, 2014.

SANCHES, R; RIBEIRO, C. Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena. In: SÁ, E; OLIVEIRA, M; SANCHES, R. (Org.) *Diversidade linguística em comunidades tradicionais*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018. p. 193-215.

SILVA, A. Ditongação diante de <S> em áreas baianas: Sudoeste e Centro-sul. Rev. Digital: *A cor das Letras*. 2018, n. Especial, v.19. p. 95-96.

SILVA, A. Variação fonética em capitais brasileiras: ditongação de vogais diante de /S/ e as realizações fonéticas do /S/ em coda. Paraíba: *Anais XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de America Latina*, 2014. p. 7-9.